CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: CARLOS REICHENBACH
7 e 8 de Outubro de 2022

AUDÁCIA! / 1970

um filme de Carlos Reichenbach, Antônio Lima

Realização: Antônio Lima (segmento *Amor 69*), Carlos Reichenbach (segmento *Prólogo, A Badaladíssima dos Trópicos X Os Picaretas do Sexo*) / **Argumento:** Jairo Ferreira (segmento *A Badaladíssima dos Trópicos x Os Picaretas do Sexo*), Antônio Lima (segmento *Prólogo, Amor 69*), Carlos Reichenbach (segmento *Prólogo, A Badaladíssima dos Trópicos x Os Picaretas do Sexo*) / **Fotografia:** Carlos Reichenbach / **Som:** Orlando Macedo / **Montagem:** Jovita Pereira Dias / **Direcção Artística:** Antonio Meliande / **Com:** Jorge Bodanzky, Letácio Camargo, Maurice Capovilla, José Carlos Cardoso, Francis Cavalcanti, Zilda Cheneme, Maurício do Valle, Maria Joaquina Fernandes, Bill Foster, Wanderley Grilo, Ney Latorraca, Marco Antônio Lellis, José Mojica Marins, Julia Miranda, Sílvio Navas, Maria Cristina Rocha, Wanda Rocha, Sabrina, Rogério Sganzerla, Dirceu Soares, Teresa Sodré, Gilberto Sálvio, Cléo Ventura, Maria Vicente.

Produção: Xanadú Produções Cinematográficas, Horus Filmes, Produtora Nacional de Filmes (PNF) / **Produtor:** Enzo Barone / **Direcção de Produção:** Percival Gomes de Oliveira / **Cópia:** Heco Produções, em ficheiro, preto e branco, falada em português e legendada electronicamente em inglês / **Duração:** 87 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

sessão apresentada por Sara Silveira

AVISO: Na impossibilidade de exibir o primeiro filme da sessão (ESTA RUA TÃO AUGUSTA, de Carlos Reichenbach), devido ao atraso na chegada a Lisboa da cópia proveniente do Brasil, facto a que a Cinemateca e o Doclisboa são alheios, a sessão será composta apenas por AUDÁCIA!. Pelo facto apresentamos as nossas desculpas.

Melhor do que tudo o que possamos escrever para caracterizar o espírito anárquico e subversivo do grupo dos realizadores mais marginais da "Boca do Lixo", de São Paulo, a que pertenciam Carlos Reichenbach e Antônio Lima, são as inspiradas palavras de Jairo Ferreira, amigo e colaborador próximo de Reichenbach, que foi argumentista de um dos segmentos do **Audácia!** e assistente de realização do filme, secundada por uma citação do próprio Reichenbach. Jairo Ferreira dedicou uma parte seu importante livro –"Cinema de Invenção" – aos vários realizadores e correntes do grupo dos mais marginais entre os marginais, de que fez parte, e no capítulo votado a Reichenbach ("Carlão Reichenbach & Utopia na Boca do Lixo"), Jairo inspiradamente escreveu:

"Linguagem analítico-instrumental (ou metalinguagem) que se auto/reflete em altos estudos (via velha e boa chancada, desde já metacinema) a partir de uma deliberada deglutição antropofágica da linguagem-objeto original (estrangeiro ou não), **Audácia**/episódio de Carlos Reichenbach foi realizado sob o impacto estrutural do **Bandido da Luz Vermelha** (onde a paródia é apenas um dos muitos dados em lance) e deve, isto é, merece ser situado como metacinema carregado de significante até o grau máximo possível no experimental da Boca

do Lixo/69, quando nada era impossível. Jimi Hendrix realmente já pintava como mentor no cataclisma de Sganzerla e, não por acaso, era o som dominante na ventania de Reichenbach.

Como atuei em diversas funções (assistente de direção e produção, still, continuidade e ator), me considero co-autor do *abacaxi* e também o seu melhor crítico.

O negócio é fazer filmes péssimos. Um apanhado crítico da face oculta do cinema nacional. Filmes péssimos, mas necessários. Chegou a hora de massacrar a visão europeizante que impede o cinema nacional de ser como deve ser. *Quando um cara não pode fazer nada,* já dizia Paulo Vilaça em **O Bandido da Luz Vermelha***, ele avacalha*, anarquiza, e não podendo fazer filmes-de-cinema faz filme-sobre-cinema. Trata-se de filmar a partir da impossibilidade de filmar. É preciso muita audácia para dar uma olhada em torno do cinema nacional. Olhar não para badalar os efeitos, mas para apontar os defeitos. (...)

O sketch se abre de forma brilhante com Rogério Sganzerla falando de José Mojica Marins, visto através de godardiana grande angular e filosofando sobre lobos e cordeiros... Desde então importava mais *como* se filmava e menos *o que* se filmava. Daí a resistência das cenas de ação: correrias de um Landru tropical, talentosos travellings no lago do Ibirapuera, histéricas brigas da diretora (ou diretriz) Paula Nelson com o galã Joseph Den Grandonen (José Carlos Cardoso). No mais é a infâmia: o assistente de direção, Banana Macaco (Palito), pira de vez ao som de *House Burning Down* de Jimi Hendrix: "Vai, Paula, queima a cidade com a câmera!... O caso era de internação, claro.

'Hoje gosto apenas de uma sequência que filmei em homenagem a Samuel Fuller, cujos *Shock Corridor* e *Naked Kiss* me ensinaram respetivamente a dialética do travelling e a violência dos primeiros planos à altura do pescoço. Sermos os industriais da miséria foi a única ideia que passou do filme', diria mais tarde Reichenbach (revista Filme Cultura/nº 28 fevereiro/1978)."

A sequência da realizadora em crise é hilariante (como o são muitas outras atravessadas pelo humor cáustico de Reichenbach) e na realidade este é um filme dominado por muitas ideias e muitas ideias de cinema, divididas nas três partes em que se estrutura um filme que acaba por dar a palavra vários destes artesãos da Boca do Lixo.

Se, como escrevíamos, a primeira parte toma a forma de um documentário em que percorremos as ruas da Boca do Lixo, indo ao encontro dos produtores e realizadores do Cinema Marginal, a segunda parte (com o sugestivo título "A Badaladíssima dos Trópicos x Os Picaretas do Sexo") é a ficção em torno da já refeida Paula, uma cineasta enfrenta dificuldades com a realização do seu primeiro filme, abrindo a terceira para a própria história do cinema marginal, como os seus indefetíveis e dissidentes, uma história que acabaria cedo, devido à ditadura e à censura brasileira.

Como escrevíamos há dez anos a propósito de **Lilian M**., foi o filme **O Bandido da Luz Vermelha** (1968), de Rogério Sganzerla, que indicou a Carlos Reichenbach o caminho a seguir: deixar a erudição académica e enveredar por um cinema popular feito na Boca do Lixo. Este é um perfeito exemplo do que mais anárquico fez este cinéfilo ferrenho, cujas arestas seriam limadas num "clássico" como **Lilian M.**, filme mais controlado que mostraremos nos próximos dias.

Joana Ascensão